

RECONSTRUÇÃO DE UMA CORPOREIDADE: UMA BUSCA SEM SACIEDADE

Sindy Késsia ¹

O fim do mundo me fez ter uma corporeidade que me dificultou lidar com o que diz a primeira lei de Newton, o Princípio da Inércia, segundo o qual um corpo que está em repouso tende a permanecer em repouso. Eram muitas sensações, mas poucas movimentações. Foram muitos pensamentos, mas poucos movimentos. Teve muita gente que dançou, mas não no bom sentido. Foi extremamente doído, imensuravelmente dolorido.

Tentei começar a escrever sem parar, sem sequer parar para pensar. Descobri que o que é automático não é prático. Tentando continuar e, em hipótese alguma, parar. Fiquei desesperada. Meio automatizada. Me senti angustiada. Me sentia pressionada. Eu sei que tinha que deixar fluir, deixar vir. Eu me mantinha lutando contra o meu inconsciente. Veementemente. Ele não mente. Tinha vontade de fugir. Não só dessa tentativa. Tentava me manter ativa. Continuava pensando. Depois me vi quase implorando. Para parar. Quis parar. Apesar de ainda tentar me debruçar. Precisava descansar. Necessitava respirar. Pausar. Relaxar. Minha cabeça não parava de pensar. Minha consciência combatendo essa experiência. Escrita automática, mas nada prática. Eu respiro. Um suspiro. Quase piro. Me lembro daquilo de “respira, inspira e não pira”. Na Dança, nós escutamos muito que não podemos esquecer de respirar. Metáforica e/ou literalmente, falam muito isso para a gente, para ter mais resistência, e também para afirmar cada vez mais a nossa existência. De maneira descontinuada. Tentava não ficar parada. Toda

¹ Graduanda em Dança pela Universidade Federal do Ceará, no Instituto de Cultura e Arte. Intérprete, criadora, professora, pesquisadora e escritora. sindymoreira01@gmail.com

atrapalhada. Talvez uma tentativa total e completamente frustrada. Um pouco abalada.

Pensar em estética sempre me fez lembrar do que é bonito, levando em consideração a dicotomia com a qual estamos acostumados: do que é considerado bonito e do que é considerado feio. O que se relaciona com o que nós, da Dança, entendemos como sendo pertencente ao modelo apolíneo (remetendo ao deus grego Apolo), que é aquilo que é visto/tido como belo, simétrico, harmonioso. No entanto, eu descobri que tinha/tem a ver com o que a gente sente, na verdade. Tem a ver com sensação, com percepção, com sensibilidade e também com subjetividade. Pode ter a ver com o que uma escultura feita de materiais considerados pouco nobres como ossos de peru e galinha, por exemplo, pode causar. Pode ter a ver com a obra do artista Nuno Ramos², feita com materiais heterogêneos e cuja nomeação é “Fruto Estranho”, e o motivo vocês podem imaginar. Uma escrita automática, para mim, pode ser desconfortável, por não carregar e apresentar a ideia primeira de estética, podendo se tornar menos aceitável, menos agradável. Na Dança, eu penso em “limpar os movimentos”. Na escrita, eu penso no esboço. Para deixar o mais apazível possível, há um extremo esforço.

Tentei me debruçar numa escrita automática novamente, mas tendo a segunda ideia de estética em mente. Morrendo de sono, morrendo de preguiça, morrendo de fome. Era o que eu sentia enquanto escrevia. E o que tinha a ver? Nem sei, só sei que não podem dizer que eu não tentei. Talvez fosse o meu inconsciente trazendo para o meu consciente e para o meu texto o que a gente continuava vivendo, que era a morte. Era esse o contexto. Quem não morreu de

² Um artista versátil e um dos maiores nomes da chamada “Geração 80”, começou a sua carreira como pintor, no ateliê coletivo Casa 7, em São Paulo, seguindo por caminhos diversos, evocando e denotando ideias de morte, de melancolia, deriva e desaparecimento por meio de obras monumentais.

fome teve sorte. O inconsciente realmente não mente. A minha criticidade parece sempre surgir. Eu não vou mais no sentido contrário dela. Tenho deixado ela emergir. Estética se relaciona com o que a gente sente, mas o que a gente sente pode ser e é resultado do que a gente vê/ouve/passa na sociedade, isso é verdade. Eu me dei conta de que acabei me perdendo da escrita automática no meio do caminho, mas acho que tenho que me preocupar mesmo em não me perder do meu verdadeiro foco, que é falar e dançar sobre o que é da minha singularidade em união/junção com a minha criticidade. Considero uma grande qualidade. Talvez uma necessidade.

Estética textual. Uma maneira de me relacionar com a escrita de um modo não habitual. Sem ser o meu “normal”. Não teve a ver com beleza, mas com o que, a cada escrita, me causava/proporcionava mais leveza. Também mais clareza. Clareza do que eu quero com o meu texto num determinado contexto. Na verdade, teve a ver com beleza, mas com a beleza de se permitir sentir nessa ação de imergir, com toda certeza. Como num fluxo contínuo, tal qual o da dança, que traz fluidez, eu busco cada vez mais sensatez e nitidez. Num jogo de equilíbrio e desequilíbrio – o mesmo que nós que somos da Dança usamos para brincar com o peso –, eu tenho buscado reconhecer a minha capacidade de reconstruir a minha corporeidade. Num tempo que é lento, mas querendo ir mais rápido. Tenho procurado uma alternância, porque até gosto de movimentos que sigam um tempo lento numa performance, mas eu seguir nesse mesmo tempo não tem relevância. Eu citei o fluxo, o peso e o tempo na Dança, mas não havia mencionado o espaço. O espaço que é explorado, onde se dança. Aliás, com o qual se dança. E qual é o espaço que eu quero conquistar com o que eu danço? O meu corpo tem potencial para lhes dar uma dimensão do que eu alcanço.